

GT 6. Diversidades e Educação Diante do empecilho acadêmico: clientelismo e autoritarismo nos cursos de pós-graduação no Brasil

Maxmiliano Martins Pinheiro¹

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido tem como objetivo analisar os empecilhos, isto é, as debilidades existentes na academia brasileira no tocante aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Sendo assim, serão abordados os tópicos que se mostram bastante nevrálgicos na prática docente desse nível de ensino, a saber: o clientelismo que ocorre na seleção para os cursos de mestrado e doutorado, e o abuso de autoridade do professor em relação ao pós-graduando. Uma vez que esta análise abrange o tema da formação do pesquisador como do profissional da educação, compreende-se a questão das desigualdades existentes na pós-graduação como processo de aprendizagem. Espera-se que este resumo contribua para um debate a respeito da conduta da prática docente e da função social da pós-graduação brasileira que precisa ser pautada na transparência e na livre promoção do saber.

2 DESENVOLVIMENTO

Entre as questões levantadas neste estudo, cumpre primeiramente destacar a lógica estamental na criação das universidades brasileiras, o que de certo modo explica as distorções e arbitrariedades nos procedimentos de seleção nos cursos de mestrado e doutorado.

Conforme a história da universidade no Brasil, o ensino superior, desde a independência do país, era confinado a formar quadros para a administração do Estado, priorizando as faculdades de direitos e os segmentos das elites (Alonso, 2002). Apesar de ocorrerem reformas, no final do século XIX, que visavam diversificar as carreiras, criando escolas técnicas superiores e abriam oportunidades práticas para grupos sociais não pertencentes ao estamento senhorial, tais instituições tiveram pouco êxito devido à forte influência do modelo acadêmico de direito, já que as faculdades continuavam oferecendo formação

¹ Mestre em Sociologia Política na Universidade Candido Mendes/IUPERJ, Professor na Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e na FAETEC, e-mail: martinsmaxmiliano783@gmail.com

equivalente aos indivíduos destinados ao mando e às carreiras políticas, e as novas escolas técnicas tiveram pouco sucesso na inclusão de novos programas de ensino (Alonso, 2002). Além disso, não se deve descartar a mentalidade confessional que outrora a igreja católica imputara às faculdades livres, restringindo a intervenção do Estado, mas designando-lhe uma superintendência sobre o ensino, impedindo a propagação de ideias subversivas contrárias à doutrina católica; assim como o fato de a universidade, mesmo após a hegemonia das ideias liberais e científicas do século XIX, ter continuado a ser uma aspiração da minoria, seja no ensino particular, seja na promoção do ensino público e superior iniciado pelo Estado após a revolução de 30 (Barros, 1986). Dessa forma, a gênese da universidade brasileira, conforme análises históricas, desvela uma forte mentalidade clientelista, conservadora e confessional, o que de certo modo elucida suas debilidades ao longo de sua trajetória de expansão.

O processo seletivo dos alunos nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* reflete, muitas vezes, os resquícios deixados por uma cultura acadêmica sedimentada no elitismo, feudo, compadrio, clientelismo, ou seja, várias lógicas que permitem (e reflorescem) a exclusão e falta de transparência no espaço universitário. Isso explica o fato de que muitos professores titulares arvoram-se dos institutos de pós-graduação como se fossem feudos, estabelecendo uma forma perversa de clientelismo na relação orientador/orientando, uma vez que selecionam alunos mais pelas relações pessoais do que a aptidão pela ciência, tornando os concursos de seleção para mestrado e doutorado uma mera fachada de formalidade (Lopes, 2012). Com efeito, a participação na superioridade institucional de um grupo está vinculada à disposição das pessoas de se submeterem às regras arbitrárias que foram naturalizadas por esse grupo num espaço social (Elias; Scotson, 2000). Deve-se acrescentar que as universidades brasileiras carecem de uma política mais bem definida a respeito da pesquisa, como do ensino e da extensão universitária, a fim de alcançar um dimensionamento melhor sobre o conhecimento científico, e de estabelecer novos critérios para que a pesquisa não fique confinada ao processo de galgar títulos e fazer carreira acadêmica, propiciando uma nova postura dos docentes e discentes (Kunch, 1992). Com efeito, a comunidade acadêmica, amoldada a uma concepção burocrática e hierárquica da educação superior, enaltece a pós-graduação *stricto sensu* como o lugar privilegiado da pesquisa, o que propicia os

arranjos e arbitrariedades do corpo docente em seleções para mestrado e doutorado, uma vez que tais cursos sendo vistos como confirmações do prestígio e da excelência acadêmica acabam fomentando a procura e a competitividade agressiva (Chauí, 2001). Destarte, a conduta tribal nesses processos seletivos ainda persiste em muitas universidades, apesar da ampliação de vagas nos cursos *stricto sensu*, das ações afirmativas e até mesmo dos recursos que algumas instituições concedem aos alunos nessas seleções.

Cumprido neste momento apresentar as denúncias mais comuns no que concerne às relações autocráticas dos docentes perante os discentes, conforme indicam os transtornos psicológicos que os pós-graduandos sofrem na pressão por produtividade de pesquisas ao longo da trajetória acadêmica nos cursos de mestrado ou doutorado.

Dessa forma, podem ser destacadas as ações antipedagógicas de professores que, valendo-se do status conferido, humilham alunos em salas de aula, reuniões de pesquisa e bancas examinadoras, e assumem posturas narcisistas em relação ao conhecimento, enquanto alguns discentes, sem discernimento, fomentam uma mudança de *ethos* e um ambiente de competição que resulta no aviltamento do colega (Pinheiro-Machado, 2016). Constata-se assim que essas opressões acadêmicas ilustram uma forte dependência do estudante em relação ao seu professor, e igualmente traduzem práticas quase feudais e clientelistas que ainda existem no ambiente universitário (Maffesoli; Strohl, 2015). A qualidade das pesquisas também é lesada por causa da postura autoritária de alguns docentes. Com efeito, muitos encaram o mestrado como um arremate da graduação, isto é, um escrito mais longo e prolongado sem pretensão a originalidade, enquanto o doutorado como um primeiro trabalho original, porém muito inferior aos modelos antigos que procuravam resolver questões importantes (Ribeiro, 2014). Com base nessas informações, pode-se inferir que as universidades brasileiras, sobretudo no que concerne aos seus cursos de pós-graduação *stricto sensu*, descortinam um autoritarismo de caráter institucional, pois ele opera no bojo de um sistema hierarquizado, burocrático e sectário que adquire novas configurações e se desloca das dinâmicas sociais, com tendências a se tornar um círculo fechado.

O fruto mais amargo dessas tensões entre docentes e discentes resulta no desenvolvimento de transtornos e, até mesmo, de patologias de ordem

psíquica para os mestrandos e doutorandos. De fato, a dinâmica da pós-graduação é marcada, muitas vezes, por um ambiente onde o acúmulo de horas de trabalho, imposições para publicação de artigos e exigências oriundas do nível de exigência dos professores são muito comuns (Andrade, 2017). De acordo com os dados fornecidos pela Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG), podem ser verificados entre esses estudantes dois tipos de distúrbios psicológicos conhecidos como “síndrome de burnout”, em que a pessoa atinge um alto índice de exaustão devido ao trabalho excessivo sem descanso, e a “síndrome do impostor”, que aflige alunos que não conseguem aceitar os resultados obtidos por mérito próprio (Andrade, 2017). É propício acrescer que a autoridade abusiva dos docentes incide em assédios morais, ameaças de abandono das pesquisas, controle excessivo sobre as dissertações e teses, ou até mesmo, omissões e negligências perante as pesquisas dos orientandos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clientelismo na seleção dos pós-graduandos e a autoridade abusiva dos docentes que ainda coexistem nos cursos de mestrado e do doutorado são decorrentes da própria formação da universidade brasileira que, conforme alguns dados históricos, descortina uma gênese elitista e segmentada, conforme os interesses das elites brasileiras na vida histórica do Brasil. Por conseguinte, o processo seletivo dos discentes no mestrado e no doutorado muitas vezes não contempla as diferentes perspectivas de pesquisa propostas por segmentos oriundos de diferentes espaços escolarizados e comunitários, reforçando a desigualdade no acesso à pós-graduação stricto sensu. Cumpre acrescer que a prerrogativa que os professores titulares imputam aos institutos de pesquisa como espaços fechados suplantam a transparência e o espírito democrático que devem nortear a universidade. Quanto à ausência de uma ética no processo pedagógico em muitos cursos de mestrado e de doutorado, pode-se constatar que o autoritarismo docente afeta diretamente a vida acadêmica dos pós-graduandos, já que parte dos institutos de pesquisas demandam desses alunos uma produtividade excessiva, por meio de artigos publicados e participações em congressos. Tais posturas autocráticas assumem diferentes conotações que variam desde a apologia à competição agressiva entre os discentes, humilhações e, até mesmo, assédio moral, resultando em doenças físicas e

psíquicas sofridas por alguns pós-graduandos. Consequentemente, esse autoritarismo pode abalar a formação dos mestrandos ou doutorandos que almejam atuar como profissionais de educação, uma vez que as ações autocráticas tendem a ser naturalizadas. Com efeito, essas mazelas existentes na universidade impedem que ela estabeleça uma crítica a si mesma e amplie sua função social.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento: A Geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Rodrigo de Almeida. "Distúrbios na academia". In: **Pesquisa FAPESP**, 2017, n. 262, p. 63-65

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a ideia de universidade**. São Paulo: Convívio, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LOPES, Gisele. Sobre os procedimentos de seleção nos Programas de Pós-Graduação e relações sociais na academia. **Carta Potiguar**. Rio Grande do Norte, 14 mar. 2012. Disponível em: <https://www.cartapotiguar.com.br/2012/03/14/sobre-os-procedimentos-de-selecao-nos-programas-de-pos-graduacao-e-relacoes-sociais-na-academia%E2%80%8F/>. Acesso em 20 de julho de 2024

MAFFESOLI, Michel; STROHL, Hélène. **O Conformismo dos Intelectuais**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica. **Carta Capital**. Brasil, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica/> Acesso em 20 de julho de 2024.



Simpósio
Internacional
Práxis Itinerante
Juventudes e Diversidades

RIBEIRO, Renato Janine. **A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.